

O QUE TEM NO MEU QUINTAL? – UM OLHAR PARA O PROTAGONISMO INFANTIL ATRAVÉS DOS REGISTROS PARA A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Thaís Mayara da Silva Braga¹

Resumo

Este escrito tem como objetivo relatar sobre as experiências compartilhadas por uma turma de Educação Infantil da pré-escola II da Escola Municipal Pedro Rodrigues Gaia situada na região de Cururipe da Cal no município de Palmeira dos Índios/Alagoas. O objetivo deste relato é dar visibilidade a práticas que fomentam e aproximam o cotidiano das crianças em contexto rural através de um olhar atento e sensível da educadora aos seus interesses, trazendo elementos do cotidiano para as investigações e percebendo o quanto esta intencionalidade aproxima crianças e famílias das propostas de interações. Para tanto, o relato está apoiado nos princípios metodológicos da Documentação pedagógica.

Palavras-chave: Educação infantil; Pré-escola; Propostas de interações; Documentação pedagógica.

1 Introdução

Um cotidiano marcado por possibilidades de exploração que aproximem as crianças de seus contextos de vida: é assim que tem se pensado as práticas e propostas investigativas a partir das provocações lançadas às crianças de 5 anos de uma turma de Educação infantil da Escola Pedro Rodrigues Gaia em Coruripe da Cal, Palmeira dos Índios/Alagoas.

Diante das experiências vividas e compartilhadas com as crianças e suas famílias e da escuta sensível desenvolvida pela educadora para perceber e sentir quais

¹ Pedagoga licenciada pelo Centro Universitário CESMAC, Especialista em bebês na Educação infantil (Faculdade UNINA). Educadora das redes municipais de Maceió e Palmeira dos Índios/AL. E-mail: tmayarab@hotmail.com.

os interesses investigativos seriam percebidos nos diálogos traçados com as crianças é que iniciou-se um processo de problematizar e observar o lugar de referência onde cada uma delas vivia e a partir desta observação traçou-se o caminho de descobertas e partilhas que seria realizado com o grupo.

O contexto rural no qual a escola está situada e sendo este o lugar de morada das crianças da turma, logo se percebeu a influência das características regionais e suas múltiplas formas de pertencimento apresentados no retorno das crianças às propostas investigativas.

Em face dos desdobramentos que se deu na socialização das ações das crianças é que surgiu a vontade de transformar esta vivência em relato e com ele poder compartilhar uma estratégia de planejamento que se efetiva em ações previstas a partir das intenções das próprias crianças que foram sendo percebidas nos diálogos traçados. Aqui, é preciso destacar a potência das crianças quando suas falas são validadas e transformadas em estratégias para as descobertas que se desdobram.

Contudo, neste processo de escuta, diálogo e observação se faz imprescindível a utilização do registro como ferramenta de reflexão e comunicação. É o movimento de tornar visível as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças estruturado pelas tantas formas de Documentação pedagógica que dão sustentação a prática.

2 O que é vivido... precisa ser visto!

A ideia de dar visibilidade às práticas compartilhadas e vividas pelas crianças parte da intenção de colocá-las no centro do debate como protagonistas e sujeitos ativos em seu processo de desenvolvimento, garantindo-lhes seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, conforme cita a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019, p 37), assegurando

as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a

resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

É no movimento de observação de seus interesses e da validação das curiosidades que as crianças configuram os diálogos que se oportunizam na partilha dos relatos marcados por seus cotidianos, evidenciando uma mostra clara do quanto o ambiente em que vivem e suas organizações sociais projetam inquietações e carregam um sentimento de pertencimento. Fochi (2019, p. 176) nos aponta que: “tanto do ponto de vista das crianças como dos adultos, em cada momento da vida cotidiana, existem extraordinárias possibilidades para aprender e para gerar um bem estar global”. É o meio em que se vive percebido como ponto de partida para as explorações e manipulações.

Em suma, o ambiente dos pequeninos configuram-se como resultado de um série de variáveis geradas ao pôr em relação os sistemas naturais e socioculturais presentes em cada contexto, que determinam um ecossistema idiossincrático que condiciona o desenvolvimento de cada grupo humano. (PIFERRER, 2004, p. 107)

Para isso, a construção de uma prática que perceba e valide os sentimentos e interesses das crianças passa por um processo permanente de escuta e de busca por ferramentas que possibilitem essa comunicação. É na interação com o outro e na observação de suas múltiplas formas de se comunicar que o educador consegue transformar o cotidiano em um elo constante entre o interesse e a investigação.

Ouvir é um ato que precisa ser intencional e isso só é possível quando o educador encontra neste elemento uma estratégia de conexão e de legitimar a perspectiva do outro. A escuta precisa de sensibilidade. É preciso está aberta as necessidades dos sujeitos em uma prática que envolve para além do ouvido, é um ouvir com todos os sentidos. A escuta percebe e valida todas as formas de linguagem, isso demanda tempo, ela é gerada pela curiosidade. A escuta não colabora com respostas, ela traz perguntas, é emoção. A escuta valida o valor das interpretações. Escutar não é fácil e tudo isso só se faz possível dentro de um “contexto de escuta” (RIBALDI, 2016, p. 236).

Um “contexto de escuta” é criado quando os indivíduos sentem-se legitimados para representar suas teorias e oferecer sua interpretação de uma questão específica. Enriquecemos o nosso conhecimento e a nossa subjetividade escutando os outros e abrindo a eles quando aprendemos como grupo. (RIBALDI, 2016, p. 237 e 238)

Para captar a essência dos diálogos, das investigações e reflexões realizadas diante das interações vividas pelas crianças faz-se necessário um olhar atento aos registros e suas formas de comunicar os percursos e o desenvolvimento das experiências, articulando-se em aprendizagens. É um revelar dos processos que se observa através de fotografias, áudios e vídeos. É a utilização das ferramentas visuais como ponto de partida e de planejamento para que - através delas - possam ser sinalizados e percebidos seus interesses.

Ao escrever sobre o cotidiano vivido com as crianças, o professor cria espaço para refletir sobre seu fazer, abre possibilidades para avaliar o caminho pedagógico planejado, redefinindo passos ou reafirmando o caminhar. O exercício do registro diário oportuniza, de maneira ímpar, a articulação entre aspectos teóricos e práticos implicados na ação docente, entre conquistas realizadas e desafios mapeados, entre o projetado e o concretizado. Sobretudo: ao registrarem e refletirem sobre o conteúdo registrado, professoras e professores, apropriando-se de sua história, ensaiam autoria. (OSTETTO, 2018, np)

Assim, é possível perceber que o elo existente entre o movimento de escuta atenta e o de documentar as práticas para torná-las reflexivas é o que materializa e torna tangível as aprendizagens. A documentação pedagógica aqui defendida - e também conceituada pelo olhar de Dahlberg (2006, p. 229) - “começa com uma escuta ativa, uma forma de escuta que parte de um envolvimento e de uma curiosidade séria nos eventos do aqui e agora”.

Dessa forma, é possível perceber a grandiosidade de fomentar uma prática na educação infantil voltada para as crianças em sua integralidade, articulando práticas que as acolham como os seres potentes que são. Para tanto, é imprescindível apoiar-se em uma escuta que perceba seus interesses e as reconheça como centro do processo, dando visibilidade aos percursos através de metodologias que valorizam o documentar das aprendizagens.

3 O que tem no meu quintal?

Os contatos iniciais com a turma do Pré-II da Escola Municipal Pedro Rodrigues Gaia no ano letivo de 2021 aconteceram de forma remota devido as recomendações de distanciamento social causadas pela pandemia da COVID-19. Nesse momento de aproximação algumas provocações foram sugeridas pela educadora a fim de conhecer as crianças, suas famílias e seus contextos. Logo durante os primeiros diálogos foi possível perceber o quanto o ambiente rural em que as crianças vivem era palco para suas brincadeiras e a forma com sua rotina de desenrolava, o que fica ainda mais claro em falas como as de G. L.²: “Eu gosto de andar de cavalo com meu irmão” ou de M. L.: “Eu gosto de fazer corrida de cavalo” ou ainda de M.C.: Eu gosto de brincar de esconde-esconde, pega-pega e bicicleta e de fazer comidinha”.

Com base nessas escutas e nas de tantas outras crianças, um convite foi lançado pela educadora como forma de alcançar detalhes deste ambiente e de perceber pontos de interesse investigativo das crianças: “Se pararmos um instante para observar, o que vemos pela nossa janela?”, indagou a professora. Os primeiros retornos vieram das mais diversas formas, eram vídeos, fotografias ou áudios das crianças contando sobre o espaço em que moravam. M.L.M. logo descreveu: “Na minha casa tem a casa de minha vó, vaquinha, grama, cercado...”, seguida por N.N.: “Eu vejo muitas árvores porque eu moro aqui no Coruripe.” e M. E. também nos relata: “Professora, na minha casa tem um pé de maracujá, o maracujá ainda tá verde, quando tiver maduro a gente toma o suco.”.

² As abreviações dos nomes das crianças serão utilizadas para preservar a identidade.

Figura 1. O que tem no meu quintal? Um olhar pela janela!



Fonte: Acervo da turma

Diane das partilhadas provocadas pela observação do espaço em que moram foi percebida a grande quantidade de relatos no entorno de curiosidades trocadas sobre os animais, gerando a sequência investigativa: *Animais do meu quintal*. Empolgadas em nos apresentar os animais que fazem parte de seus contextos iniciou-se uma troca de fotos, vídeos e desenhos produzidos pelas crianças para relatar sobre seus bichinhos, motivando conversas e aproximações, como podemos perceber na fala de N. N.: “O animal que eu mais gosto é pintinho. Ele pia, cisca e come milho” ou na adivinha lançada aos colegas por M. L.: “Oi coleguinhas, que animal sou eu? Tenho asas, mas não voo, tenho bico, como milho e tenho duas patas.” M.C. logo acertou a charada: “Um pato”. Em meio a essas trocas a educadora compartilha como sugestão de leitura o livro intitulado *Bichodário* de Thelma Guimarães e a contação da história motivou um convite que logo foi aceito pelas crianças em um momento de muita empolgação: “Que tal criarmos a releitura do livro *Bichodário* com os animais do nosso quintal?” Nesse momento as interações ocorreram sobre a estrutura do livro, curiosidades e características dos animais, observações sobre as letras iniciais de seus nomes, entre outras partilhas. O livro produzido foi impresso e entregue às crianças, gerando reconhecimento, euforia e muitas leituras.

Figuras 2, 3, 4, 5. Animais do meu quintal



Fonte: Acervo da turma e da escola

No desenrolar dos diálogos foi percebido que muito sobre o espaço em que moravam das crianças ainda poderia ser objeto de investigação. Para além dos animais, esse lugar tem cheiro, tem vida, provoca sensações, tem cor... e foi então que uma nova sequência investigativa se iniciou: *As cores do meu quintal*. Uma coleta de elementos existentes neste espaço nos convidou à brincadeira e o desafio foi lançado pela educadora: “Quais as cores que encontraremos no quintal? Vamos relacioná-las as cores encontradas dentro de nosso estojo ou de outros objetos?” Provocadas pela curiosidade, as correspondências se iniciaram e mais uma vez o diálogo ganha ares de pertencimento, de reconhecimento desse lugar já tão conhecido que agora ganha novas formas de ser visto.

Figuras 6, 7, 8, 9. As cores de meu quintal



Fonte: Acervo da turma

Muito além das cores, com tantas texturas foi possível ampliar as sensações, despertar para as explorações e manipulação de elementos que contribuíssem com esse

novo olhar e essa forma de descobrir o quintal. Assim, as crianças começaram as produções de *Esculturas de gelo*! Uma vasta mistura de itens coletados no quintal que aguçaram os sentidos e instigaram a criação. Após esse momento de transformação dos elementos realizado pelas crianças elas ainda intitularam suas produções, evidenciando que as obras revelam mais uma vez a potência da experiência. Alguns exemplos dos títulos dados em sequência pelas imagens abaixo compartilhadas: Limonada congelada, Floresta Colorida, Montanha de frutos e flores e Copo florido.

Figuras 10, 11, 12, 13. Esculturas de gelo



Fonte: Acervo da turma

As experiências continuam movidas por tantas descobertas e por todos os sentidos em uma oportunidade de exploração do meio. É a relação entre a criança e a natureza proporcionada de forma direta e sensível. Como exemplos desta continuidade, citamos experiências com o plantio; produção de tintas naturais com sementes e/ou folhas; brincadeira com as sombras e suas possibilidades de refletir cor acrescentando o elemento celofane; E brincadeiras para dar forma às frutas com a provocação do Lanche divertido.

Figuras 14, 15, 16, 17. A continuidade das explorações



Fonte: Acervo da turma

A riqueza das experiências partilhadas com as crianças revela a profunda conexão entre o espaço vivido, a curiosidade e o pertencimento. É na exploração que as pesquisas se revelam e as possibilidades ganham ares de reconhecimento, produzindo marcas e memórias afetivas que acompanharão nossas crianças para sempre.

4 Resultados e Discussão

A potência das crianças e suas múltiplas formas de descobertas do mundo foram facilmente percebidas em uma prática que validou o seu protagonismo e que através de uma escuta sensível, articulada pela educadora, oportunizou e evidenciou os interesses das mesmas. No relato aqui apresentado, foi possível perceber a partir de falas e registros toda a motivação geradora das temáticas que foram investigadas pelo grupo da pré-escola.

Assim, foi possível identificar o quanto o ambiente em que vivem e suas diversas formas de organização foram palco para investigações que possibilitaram às crianças a ampliação do conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Observações estas que só se tornaram possíveis através da utilização da documentação pedagógica como ferramenta metodológica que revelou as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças a partir de registros coletados, possibilitando a tomada de decisões e a reflexão sobre os caminhos traçados em um movimento que deu visibilidade aos processos percorridos pelas crianças.

5 Considerações finais

Levando em consideração os aspectos discutidos ao longo do relato observa-se a necessidade, cada vez mais evidente, de práticas educativas que fomentem os interesses das crianças e validem suas interações. Este caminho de escuta sensível

para perceber e oportunizar investigações que tenham como foco os apontamentos sugeridos pelas crianças em suas interações precisa de uma intencionalidade por parte do educador que se disponibiliza de forma consciente a ser um elo entre as estratégias de exploração e os elementos que fomentam essa curiosidade.

Quando esse processo de escuta é cuidadosamente efetivado é comum perceber o quanto o ambiente em que as crianças vivem e/ou estão inseridas se torna objeto de partilha e de indagações em um movimento de pertencimento, contribuindo com o surgimento de investigações que se fazem no seu entorno. Na prática aqui compartilhada, evidenciou-se as características do ambiente rural por ser o lugar de morada das crianças e de localização da escola.

Por fim, nota-se a importância de um cotidiano revelado em registros que fomentem as reflexões em um elo de significados percebidos diante das tantas linguagens que ao serem consideradas dão visibilidade ao desenvolvimento, construindo memórias em olhares imersos a todas as experiências vividas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DAHLBERG, Gunilla. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org); tradução: Marcelo de Abreu Almeida. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório das Cultura Infantil – OBECI**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2019. 346 p.

OSTETTO, Luciana (org). **Registros na Educação Infantil: Pesquisa e prática pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2018.

PIFERRER, Rosa. Descoberta do ambiente natural e sociocultural. In: ARRIBAS, Teresa [et al.]; tradução Fátima Murad. **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org); tradução: Marcelo de Abreu Almeida. **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.